

# FHC na encruzilhada cultural

por Pepe Escobar

de Bolonha

(Continuação da página A-1)

O Magnífico Reitor Fabio Roveri-Mônaco realça o “alto significado do presidente Cardoso no contexto da globalização”. Revela sua preocupação em tentar evitar “um mundo dividido entre vencedores e vencidos”. Na mesa, ao lado do Magnífico Reitor e do professor/presidente/laureado, brilha a presidente da Faculdade de Ciências Políticas, a professora Francesca Zanetti, uma bionda tão esplendorosa quanto Anita Ekberg em “Bocaccio 70” e visivelmente entusiasmada com o novo colega.

O rito medieval de rigor deliciaria um personagem de Umberto Eco – que embora “amante del Brasile”, não compareceu. O Magnífico Reitor colocou o capelo na cabeça do doutorando – símbolo da função doutoral. Leu a fórmula medieval em latim. Invocou os serviços da “República” de Platão – símbolo do conhecimento da arte e da ciência. Apresentou o livro fechado e depois aberto. O livro fechado significa que Fernando Henrique possui a ciência da política de Estado. O livro aberto significa que agora pode aplicar esta ciência na sociedade com palavras e ação. Fernando Henrique também foi ungido com um anel – não o dos nibelungos do Bundesbank, como sonharia o professor Prodi – mas uma aliança que une o doutor a ciência. Esta simbologia também implica que Fernando Henrique agora domina a ciência da economia casada com os valores da liberdade que conformam a vida da sociedade civil. Espera-se que ajude nas privatizações.

“Sic insignitus et laureatus felici coroneris”, laureado, togado e feliz, coube ao professor presidente demonstrar – por via retórica, e na língua de Bocaccio – como está aplicando a ciência à ação. Poderia – de acordo com a atmosfera latinizante da ocasião – sair-se com um “cedant arma togae”, de Cicero, mas como se sabe há muito tempo, no seu caso, as armas cederam o lugar à toga. Fernando Henrique preferiu produzir um discurso clássico e sólido, sob o nada inspirado título “Alguns aspectos da questão da democracia nos dias de hoje”.

O laureado demonstrou à emérita platéia como se passa da militância a uma prática da democracia pela perspectiva de um homem de Estado. Frisou como não se pode abandonar ideais. Realçou a “perspectiva ideal do intelectual latino-americano que via, na ausência de democracia, um tal número de males e carências da sociedade” que só poderia “transformar em dever a luta anti-autoritária”. Sem desprezar citações de Norberto Bobbio, e sem deixar de repassar o papel nivelador da mídia, o intelectual Fernando Henrique enumerou os desafios representados pelos “novos atores” da democracia direta na era digital. Notou como a globalização leva a “abandonar a sequencialidade” e “muda os tempos da política”. E celebrou “papel simbólico e legitimante do novo”.

Ou seja: este discurso do método foi puro “salus populi suprema lex esto” – ou seja, que a salvação do povo seja a lei suprema (Cícero, incontornável). Finalizada a aula, o laureado pegou o FAB imperial de volta a Roma – e de volta à vida real. O intelectual foi jantar com o Príncipe. Ou seja: Fernando Henrique foi vender o Brasil do futuro para Gianni Agnelli.